



CORPO DE DELITO

Uma dica para Joana Vasconcelos

A história do Palácio Nacional da Ajuda, como outras histórias de Portugal, é a história de um cata-vento, e dos caros



Rui Patrício

Na exposição de Joana Vasconcelos no Palácio da Ajuda faltou apenas um cata-vento. Fez falta uma peça alusiva à história do palácio e ao que ela pode representar sobre a governação em Portugal – naquela colorida e reluzente cerâmica Bordalo Pinheiro, aconchegada em renda. Algo simbolizando indefinição, ausência de planos, um pouco de capricho, uma pitadinha de fraqueza, boas intenções a rodos, mas com vistas curtas e falta de frieza para cortar a direito e persistir. A história do palácio, como outras histórias de Portugal, é a história de um cata-vento, e dos caros.

A utilização da Quinta da Ajuda como Paço Real deu-se no rescaldo do terramoto de 1755. D. José ficou perturbado e recusou-se a viver em edifícios de alvenaria, mandando fazer ali um palácio

de madeira e pano (Real Barraca). Os seus interiores foram ricamente decorados e a estrutura cresceu tanto que chegou a ser maior do que o palácio de hoje. Ali esteve a corte durante largos anos, numa luxuosa atmosfera paga pelas remessas do Brasil. Mas a filha do rei, D. Maria I, preferiu habitar o Palácio de Queluz e a Real Barraca ficou secundarizada, até que acabou consumida por um incêndio. E então – embora Queluz, por exemplo, tivesse servido, e as Necessidades ou Belém viessem a servir também – julgou-se necessário construir um novo palácio real. Foi o futuro D. João VI, ainda regente, que aprovou a sua construção, feita de raiz, lenta e acidentada. Quando D. João regressou do Brasil, as obras ainda não estavam avançadas para permitir mais que cerimónias protocolares e o rei foi viver para o Palácio da Bemposta. Mas pouco depois, e após a sua morte, reside na Ajuda a regente D. Isabel Maria. Já D. Miguel chegou a habitar na Ajuda por seis meses, mas apenas enquanto o Palácio das Necessidades sofria alterações para ser a sua residência. Porém, as obras na Ajuda nunca pararam. Findas as lutas liberais, D. Maria II e D. Fernando preferi-

ram habitar o recém-adaptado Palácio das Necessidades e o novo e extravagante Palácio da Pena.

A Ajuda passa assim, novamente, a um plano secundário. E assim continua até ao reinado de D. Luís, mas sem findarem as obras. Não há nada, realmente, como mudar de residência e fazer obras consoante sopra o vento. Depois de a febre tifóide matar D. Pedro V, D. Luís é aconselhado a deixar as Necessidades. Mudou-se por alguns meses para o Palácio de Paço de Arcos, enquanto se faziam mais e vultuosas obras no Palácio da Ajuda. D. Luís casa com D. Maria Pia e o palácio passa a ser a residência real, acrescentando-se às obras as competentes encomendas de tapetes, luminária, móveis, etc. Foi de fausto, então, a vida do palácio. Mas, depois de D. Luís, D. Carlos prefere Belém e as Necessidades, e novamente a Ajuda passa para segundo plano, do qual não sai até ao fim da monarquia, pois D. Manuel veio a residir nas Necessidades. E hoje lá está o palácio, erigido num alto – lugar batido pelos ventos –, e talvez a precisar de mais umas obras. Quem sabe?

Advogado. Escreve ao sábado



Na exposição de Vasconcelos fez falta uma peça alusiva à história do palácio